

III

AS PROFECIAS E SUAS LEIS

— As mesmas leis ou idênticos princípios regem tanto as CIÉNCIAS quanto as PROFECIAS — Ciclo astronômico determinado por estas.

Um dos mais freqüentes e, convenhâmos, aparentemente, mais fôrtes argumentos contra a veracidade das profecias é o de que na interpretação destas, mais do que em qualquer outro ramo do saber humano, se pôde aplicar o adágio:

"cada cabêça, cada sentença".

Este argumento, entretanto, em absoluto, não destrói a fenomenal exactidão das profecias. Pelo contrário a corrobóra. Com efeito, a disparidade das interpretações proféticas, que, em todas as épocas e em todas as partes, maravilhosamente se ajustam aos respetivos textos sagrados, demonstra desde logo o seguinte postulado:

"No tempo e no espaço as profecias são perpétuas ou, melhor, dentro do nosso mundo visível a PROFECIA é universal no tempo e no espaço".

Por outro lado, afirma-nos a Bíblia que as profecias, como uma das modalidades da infinita sabedoria de DEUS, são irmãs gêmeas das CIÉNCIAS, se não as mais velhas irmãs destas. Confirme, inspirado pelo ESPÍRITO SANTO, nos doutrina o admirável apóstolo S. Paulo (I Coríntios, cap. XII:1/12) tanto aquelas quanto estas promanam do PAI ou seja da FONTE ESPIRITUAL de todas as coisas:

"Ha diversidade de dons, porém o ESPÍRITO é o mesmo. E ha diversidade de ministérios, mas o SENHOR é o mesmo. E ha diversidade de operações, porém é o mesmo DEUS que óbra TUDO em todos. Mas a manifestação do ESPÍRITO é dada a cada um para o que fôr útil. Porquê a um pelo ESPÍRITO é dada a palavra da sabedoria; a outro, pelo mesmo ESPÍRITO, a fé; a outro, a palavra da ciência; a outro, a ope-

reção de maravilhas;" e a outro a PROFÉCIA. Mas um só e mesmo ESPÍRITO óbra todas estas coisas, repartindo-as a cada um particularmente como quér. Porquê assim como o corpo é um, mas tem muitos membros e todos os membros, embora sejam muitos; são um só corpo" ... a profecia, (completâmos nós)

é irmã gêmea da CIENCIA ou, mais do que isto, A PROFÉCIA e a CIÉNCIA se completam como, na decomposição da fulgurante lúis do sol, maravilhosamente se completam no chamado "espetro solar" as várias gamas dos brilhantíssimos raios do astro-rei.

Demonstração irrefutável desta verdade, encontâmo-la na determinação, por intermédio exclusivo da Bíblia, da duração de certos ciclos astronómicos — os ciclos luni-solares diurnos — que modernos astrônomos, maravilhados, verificaram sobrepôrem-se fenomenalmente a ciclos bíblicos proféticos. Damos aqui, a propósito deste caso, a palavra ao eminentíssimo matemático patrício, Prof. Ernesto Luiz de Oliveira, leite da Universidade de Curitiba, o qual, em uma das suas mais recentes óbras, em linguagem ao alcance de todos, assim nos conta:

"Como se sabe, esse período de 1260 anos [período profético de Daniél] é um ciclo luni-solar-diurno; isto é, um período a cujo termo o SOL e a LUA voltam a ocupar a mesmíssima posição relativa entre as estrelas, quando vistos de um mesmo lugar da Terra, numa mesma hora; em outros termos é um período durante o qual, para um mesmo lugar da Terra, os fenômenos luni-solares se sucedem na mesma ordem e nas mesmas horas que no período precedente. Um ciclo ao termo do qual o SOL e a LUA voltassem a ocupar as mesmíssimas posições relativas entre as estrelas, quando vistos nas mesmas horas de um mesmo lugar da Terra, foi, até fins do século passado, tido por impossível de se encontrar, ainda pelos maiores astrônomos. Entretanto notou CHÉSSEAUX que o período de 2.300 dias referidos por Daniél (Daniél VIII:14) e tomado como 2.300 anos é também um ciclo luni-solar-diurno, a cujo termo o SOL e a LUA ocupam entre as estrelas, quando vistos na mesma hora, de um mesmo lugar da TERRA, quasi a mesmíssima posição que no período precedente. Notou ainda CHÉSSEAUX que a parcela de diferença era em ambos os ciclos a mesma. Dende concluiu ele que se subtraíssemos um do outro, a diferença seria eliminada e terímos um ciclo perfeito. Foi assim que se achou O CICLO de 1040 ANOS ao termo do qual o SOL e a LUA voltam a ocupar entre as estrelas, quando vistos de um mesmo lugar da TERRA, nas mesmas horas, a MESMÍSSIMA posição que no período precedente.

Eis aí como se resolveu com os dados das SAGRADAS ESCRITURAS um problema julgado insolúvel pelos maiores astrônomos durante tantos séculos!"

Para termos uma idéia da perfeição destes ciclos, vamos calcular a duração do ano pelo de 1040 anos e comparar essa duração com o que nos fornece a Astronomia moderna. Tomemos a posição do SOL entre as es-

trelos num determinado logar da TERRA e numa determinada hora de certo dia do ano. Ao término de 1040 revoluções, nessa mesma hora, será visto o SOL no mesmíssimo ponto do Céu. Ora, ele executa essas 1040 revoluções em 379.852 dias exatos. D onde resulta para cada revolução, ou seja para a duração do ano trópico,

365 dias, 48 minutos e 55 segundos.

Ora a Astronomia moderna dá:

365 dias, 48 minutos e 46 segundos.

A diferença é apenas de 9 segundos! E quem é o que está certo? Daniél não podia ter conhecimento desses dados a não ser por uma revelação divina".

[Vide fls. 140/141 da obra "ROMA, A IGREJA E O ANTI-CRISTO"].

Conforme adiante veremos, é exatamente este ciclo de 1040 anos e seu indefectível complemento (220 anos) que se vêm maravilhosamente ajustando aos acontecimentos históricos profetizados na Bíblia.

Isto pêsto, podemos agóra enunciar o seguinte

PRIMEIRO PRINCÍPIO

Leis ou princípios idênticos aos das CIÉNCIAS regem o desenvolver das PROFECIAS no tempo e no espaço.

Para a demonstração desta tese, implicitamente feita nos capítulos imediatos, devemos fazer preliminarmente uma série de considerações elucidativas.

Ei-las:

Se tomarmos uma molécula de um corpo qualquer, a agua pura, por exemplo, e a decompuzermos em seus elementos essenciais, verificarímos que estes ali se agrupam na seguinte proporção, que em Química expressamos pela fórmula



duas partes de hidrogénio para uma parte de oxigénio. Se tomarmos ainda outra qualquer porção de agua e a decompuzermos, nela encontraremos sempre os mesmos elementos agrupados na mesma proporção: duas partes de hidrogénio para uma de oxigénio. Idêntico fenómeno se verifica na Mineralogia: se tomarmos um cristal qualquer, porém de forma cristalográfica definida e o fraturarmos por um golpe violento, esse mineral se subdividirá em fragmentos menores, todos invariavelmente apresentando a mesma forma cristalina anterior, por exemplo um cubo, um octaédro, etc.

Tomemos agora um exemplo na Matemática e, para que seja ele melhor compreendido, tomemo-lo sob uma forma rudimentar, na Geometria plana.

Consideremos um triângulo retângulo qualquer, porém inalterável em seus elementos essenciais:



Fig. 3

Se a essa figura, nitidamente de 3 lados e 3 ângulos, todos desiguais, anexarmos um outro triângulo absolutamente igual, por meio da justaposição de um lado deste segundo triângulo ao lado igual do primeiro, obteremos, com essa operação, se a começarmos pela hipotenusa (lado maior) uma terceira figura

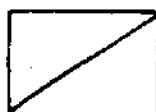


Fig. 4

diferente da dos dois primeiros triângulos, isto é, obteremos um retângulo que, como toda a gente sabe, tem iguais não somente os lados, dois a dois, mas também os quatro ângulos.

Se prolongarmos indefinidamente tal operação, obedecendo a um critério ordenado — como ordenadas são, por serem divinas, todas as leis da natureza — verificaremos que, de espaço em espaço, reproduziremos, em triângulos cada vez maiores, invariavelmente, o primeiro triângulo, multiplicados, porém, os comprimentos de seus lados sucessivamente por 2, 3, 4, 5...

Sé a ordem das justaposições for, por exemplo, a de tamanho crescente dos lados, da última figura passaremos sucessivamente às seguintes:

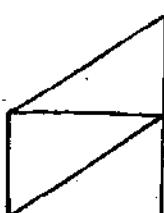


Fig. 5

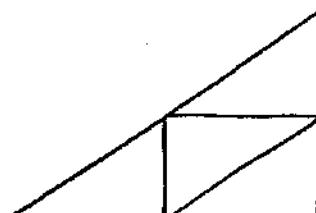


Fig. 6

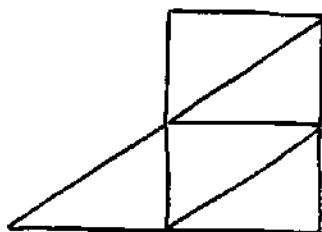


Fig. 7

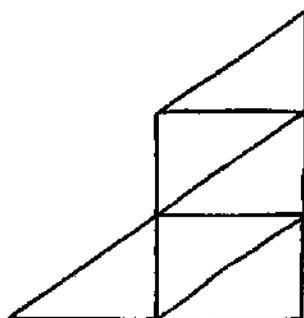


Fig. 8

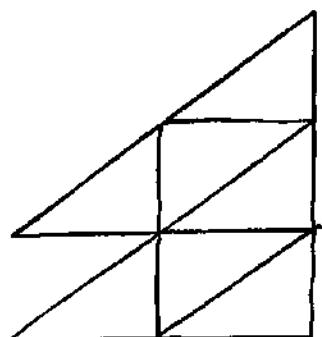


Fig. 9

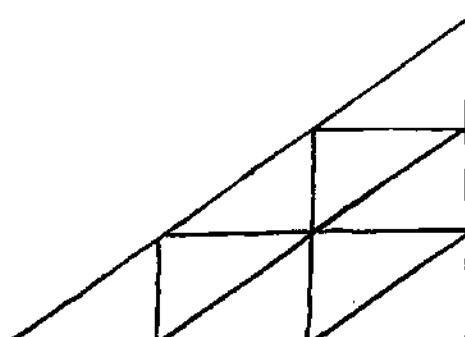


Fig. 10

Se examinarmos essas sucessivas figuras, verificarémos que, excetuados o primeiro triângulo e os periódicamente reproduzidos, todos similares, as demais figuras intermediárias são invariavelmente desiguais e dissimilhantes.

E ao observador desprevenido que a cada uma dessas figuras intermediárias e heterogêneas, examinasse exclusivamente em seus contórnos, jamais ocorreria que elas se fôrmassem obedecendo a uma certa ordem e visando à formação de um certo todo e que os sucessivos triângulos similares se reproduzem mediante uma certa lei ou seja mediante a juxtaposição de um certo número de triângulos elementares, número esse que, também variável, obedece, por sua vez, a uma certa ordem ou lei, expressa, em nosso caso, pela seguinte fórmula:

$$N_n = n^2$$

Nesta fórmula, N representa o número de triângulos elementares de que se compõe cada triângulo periódico de ordem n .

Assim as profecias:

2.º PRINCIPIO

Toda profecia-padrão, tomada em globo, no tempo e no espaço, e analizada em suas partes essenciais, mediante uma certa ordem, ou certas leis que sómente a Bíblia claramente nos revela, não só guarda nessas partes estrutura absolutamente idêntica à do todo, mas, também, conserva nessas partes as mesmas proporções do todo.

Sem o conhecimento, entretanto, das leis bíblicas que regem a decomposição, análise e síntese dos fatos históricos, para seu ajustamento às respectivas profecias, jámais poderão os homens determinar a forma e duração dos ciclos ou sub-ciclos histórico-proféticos, dentro dos quais, sem sombra de dúvida, simbolicamente ou não, aqueles fatos, de tempos em tempos, se repetem ou são iniludivelmente similhantes.

3.º PRINCIPIO

Desde que os fatos históricos, simbolicamente ou não, de tempos em tempos se repetem, além de serem o cumprimento exato das profecias, são eles próprios outras tantas profecias.

A demonstração não só deste princípio, mas também dos anteriores e demais afirmativas do presente capítulo, encontra-se implicitamente feita nas diversas partes desta obra.